

# **X COLÓQUIO HEIDEGGER**

## **A História em Heidegger**

*UNICAMP:* 7 de outubro de 2005 (das 08h30 às 12h30)

(Auditório do IFCH)

*PUCSP:* 7 de outubro de 2005 (das 13h30 às 18h00)

8 de outubro de 2005 (das 09h00 às 17h30)

(Campus Caio Prado)

### **Coordenador**

Zeljko Loparic

### **Coordenadores Adjuntos**

José Carlos Michelazzo

Maria de Fátima Dias

## CONFERÊNCIAS

**1 – Expositor:** André Duarte (UFPr / Pesquisador CNPq)

**Título da palestra:** “De uma história à outra: história e filosofia em Heidegger”

**Resumo:** A filosofia de Heidegger assumiu a história como motivo decisivo da interrogação filosófica desde o princípio. Em *Ser e Tempo*, por exemplo, Heidegger reflete sobre a historicidade fundamental do *Dasein* e sobre a exigência hermenêutica da destruição da história da ontologia, tarefas que não podem ser compreendidas isoladamente. Desde então, Heidegger se esforçou por delinear o caráter intrínseco da relação entre filosofia e história. O ser humano é histórico e filosófico simultaneamente, de modo que não se deve reduzir a filosofia à história, como determina o historicismo, ou a história à filosofia, como o fazem as filosofias da história. Entretanto, em *Ser e Tempo* Heidegger não se permite questionar filosoficamente o seu próprio tempo. Ora, ao longo dos anos 30, observa-se que a filosofia é pensada e praticada como instância privilegiada para a elaboração de um diagnóstico histórico-filosófico do presente. Isto se percebe nas preleções de *Introdução à Metafísica*, de 1935, nas quais Heidegger afirma que toda questão essencial da filosofia é necessariamente “anacrônica” (*unzeitgemäß*), mas, de maneira alguma, fora do tempo. Aliás, é a própria extemporaneidade da filosofia que lhe permite interrogar filosoficamente seu próprio tempo, à luz da questão do ser. Tanto quanto em *Ser e Tempo*, Heidegger busca determinar a relação entre história e filosofia recorrendo a uma reflexão de tipo fundacional: critica-se a determinação do caráter histórico da filosofia e da metafísica com base no argumento de que ambas se manifestam historicamente no curso do tempo. Agora, entretanto, já não interessa mais reconduzir a temporalidade cronológica a uma estrutura ontológica do *Dasein*. O fundamental parece ser o pensamento de que apenas a filosofia e a metafísica podem instituir as próprias épocas históricas, ao determinar como se dá em cada momento histórico a relação essencial entre o homem e o ser. A partir dos anos 30, portanto, a história deixa de ser pensada como estrutura existencial para ser pensada como a própria abertura ou clareira do ser. O presente trabalho tem por meta acompanhar e discutir essa mutação.

**2 – Expositor:** Benedito Nunes (UFPA)

**Título da palestra:** “Heidegger e a história”

**Resumo:** O trabalho está dividido em duas partes, segundo o breve sumário: 1) Em *Ser e Tempo*: história e existência; temporalidade e historicidade. 2) Após *Ser e Tempo*: historicidade e tradição; as fraturas da história; historicidade da escrita.

**3 - Expositora:** Cláudia Drucker (UFSC)

**Título da palestra:** “A técnica como destino”

**Resumo:** Uma das categorias centrais para se entender o pensamento de Heidegger, inclusive sobre a História, é a categoria de *téchne*. Este é um termo de difícil tradução. Seus primeiros usos filosóficos estão em Aristóteles, onde ele designa um saber que não é contemplativo (teórico), mas prático. *Téchne* não é simplesmente um produzir, como sugere o falso cognato “técnica”. Ela é um modo de mostrar o que algo é, deixando que a sua forma ressalte. A experiência de separar forma de matéria e universal de particular – tão característica, aparentemente, do teorizar, está na verdade enraizada numa compreensão “técnica” do ente e do próprio conhecer. Por trás do aparente primado da teoria, na tradição filosófica, Heidegger vê um primado da *téchne* ainda mais arraigado. Esta compreensão técnica é tal que aponta no sentido de um descolamento, por assim dizer, de forma e matéria, de universal e particular. A *téchne* se converte em um procedimento de predefinir o que deve ser o ente. O sentido da história é o sentido de uma radicalização da *téchne*. O fim da noite cósmica do nihilismo exige um modo de compreensão dos entes que dispense até mesmo a *téchne* – daí a dificuldade de superar o nihilismo.

**4 – Expositor:** Edgar Lyra (PUC-Rio)

**Título da palestra:** “História em Heidegger: considerações a partir de *Sobre a Essência da Verdade*”

**Resumo:** Reiteradamente ao longo de sua obra, Heidegger referiu-se ao opúsculo *Sobre a Essência da Verdade*, cuja primeira elaboração data de 1930. Chega a dizer, em entrevista ao *L'Éxpress* (1969), ser esse trabalho a “dobradiça” entre Heidegger I e Heidegger II, inseparáveis um do outro. A questão da *história* é nele abordada na sua relação com a *verdade do ser*, mais exatamente, com a idéia de que a verdade, em seu contínuo desvelamento, está ontologicamente ligada a uma recusa originária do *ser* a uma apreensão plena ou definitiva. Dessa recusa originária decorrem a *liberdade* e a possibilidade do erro, a *errância*; decorre, igualmente, a possibilidade de completo *desnorreamento*. A possibilitação ontológica da história se liga, em outras palavras, ao destino de algo que se dá, mas não inteira ou definitivamente, guardando sempre uma cifra de transcendência. O fato, por sua vez, da relação com essa recusa atravessar toda a obra posterior do filósofo não só justifica a importância de *Sobre a Essência da Verdade*, como faz do opúsculo um bom ponto de partida para pensar, com Heidegger, o tema da história.

**5 – Expositor:** José Carlos Michelazzo (Coordenador da SBF – Seção SP / Psicoterapeuta)

**Título da palestra:** “O caráter histórico-futural do homem e psicoterapia: ‘tudo começa pelo futuro!’”

**Resumo:** Ao longo de todo o seu itinerário de pensamento, Heidegger, na sua interpretação do tempo originário, sempre se posicionou de forma clara e aberta sobre o privilégio por ele concedido ao futuro em relação ao passado. Tal posição é solidária com uma outra, também assumida por ele, que é a do primado do princípio de possibilidade sobre o princípio de realidade. Estas duas posições permitem ao filósofo, em última instância, romper com a interpretação da essência metafísica do homem que o apreende numa perspectiva causal-naturalista, para no seu lugar apresentar uma outra de caráter histórico-futural. Seguindo uma afirmação de Heidegger de 1963 – “Tudo começa pelo futuro!” (*Alles fängt mit der Zukunft an!*) – procuraremos, ao final da exposição, fazer alguns desdobramentos deste caráter do *Dasein* no âmbito da prática clínica psicoterápica.

**6 – Expositor:** Paulo Cesar Duque-Estrada (PUC-Rio)

**Título da palestra:** “História do ser e o problema da representação”

**Resumo:** O trabalho pretende situar, no pensamento de Heidegger, a relação entre crítica da representação e história do ser, entendendo tal relação como um princípio hermenêutico que permite tanto uma leitura retrospectiva quanto prospectiva de sua obra. Algumas questões, de natureza hermenêutica como também desconstrutiva, serão igualmente situadas e consideradas a propósito da referida relação entre crítica da representação e história do ser.

**7 – Expositor:** Robson Ramos dos Reis (UFSM)

**Título da palestra:** “História e esquecimento em *Ser e Tempo*”

**Resumo:** Neste trabalho examinamos a noção de historicidade, apresentada em *Ser e Tempo*, destacando os elementos que são relevantes para a formulação do problema ontológico. Iniciando com uma reconstrução da gênese ontológica da ciência histórica, que destaca a suposição do fenômeno da possibilidade existencial nos fundamentos de uma ciência historiográfica, examinamos a noção de esquecimento, que representa o modo inautêntico do passado. A seguir, consideramos a assimetria entre esquecimento e recordação, pois o modo próprio de temporalização do passado não é formulado em termos de recordação. Por fim, examinamos as implicações metodológicas da historicidade da compreensão de ser na semântica indicativo formal dos conceitos filosóficos.

**8 – Expositor:** Vicente de Arruda Sampaio (Unicamp)

**Título da Comunicação:** “Teleologia e destino: algumas considerações sobre a interpretação heideggeriana da era da técnica como consumação da história da metafísica”

**Resumo:** A interpretação heideggeriana da história da metafísica afirma a consumação (*Vollendung*) da mesma na era da técnica. A técnica seria o próprio destino (*Geschick*) enviado pelo ser ao homem contemporâneo. Não há neste pensamento um forte teor teleológico? Prever o termo de um processo histórico não corre o risco de ser uma antecipação teleológica baseada em teses anacrônicas que vêm no passado concepções do intérprete do presente? Pretendemos pôr o pensamento heideggeriano a salvo destas suspeitas e mostrar como a questão do ser exige o pensar a história em outros termos.

**9 – Expositor:** Wanderley J. Ferreira Jr. (UEG)

**Título da palestra:** “Heidegger e a história da filosofia”

**Resumo:** O presente trabalho pretende expor a leitura heideggeriana da tradição metafísica ocidental, procurando assinalar as diferenças e semelhanças entre os dois momentos que marcaram esse diálogo com a história da filosofia. No primeiro momento da exposição será exposta a interpretação heideggeriana da história da filosofia ainda sob o *pathos* da problemática de *Ser e Tempo* – o sentido e a verdade do ser no horizonte da temporalidade finita do *Dasein*. No segundo momento, serão analisados alguns aspectos mais relevantes da concepção heideggeriana da tradição metafísica no horizonte da história do ser. A exposição conclui com o diagnóstico heideggeriano dos tempos atuais.

**10 – Expositor:** Zeljko Loparic (Unicamp/PUCSP/PUCRS)

**Título da palestra:** “A acontecência do ser e o processo de objetificação”

**Resumo:** Na sua primeira parte, o presente trabalho pretende mostrar que a concepção heideggeriana da acontecência do ser (*Seinsgeschichte*) foi elaborada como tentativa de: 1) compreender a essência da ciência e da técnica modernas no interior da história da metafísica, a saber, a partir do projeto nietzschiano de vontade de poder, o qual seria a figura terminal da objetificação metafísica do ser dos entes no seu todo e; 2) quebrar o poder objetificador da ciência e da técnica desconstruindo esse projeto, isto é, pensando o processo de objetificação como apenas um modo de autodesocultamento do ser e aguardando um outro começo do autodesocultamento do ser que retiraria o poder do autodesocultamento objetificador constitutivo da metafísica. Depois de fazer ver que a posição heideggeriana sofre de aporias internas paralizadoras, apresentarei razões para pensar que a ciência e a técnica se originam de um processo de objetificação inevitável, inerente ao acontecer humano; que a objetificação metafísica do ente no seu todo, evidenciada pela acontecência do ser tal como entendida por Heidegger, é apenas uma elaboração específica e não o fundamento desse processo; que, ao longo da história ocidental, a objetificação metafísica funcionou mais como freio do que como estímulo a objetificação científica; e que, portanto, a abordagem científica do mundo e o poder da técnica não podem ser ultrapassados pensando o fim da metafísica. Essas teses “pós-heideggerianas” (possibilitadas pelo diálogo com Heidegger) impõem as tarefas de reformular a pergunta heideggeriana pela essência da técnica e da ciência à luz de um conceito de processo de objetificação modificado e de elaborar um novo problema: o de saber como integrar a ciência e a técnica, já desvinculadas da metafísica, na estrutura do acontecer humano individual e social.